

Conclusão Geral

O que ganhamos e o que aprendemos ao longo da realização deste trabalho dificilmente pode ser expresso cabalmente em palavras, por um discurso coerente e lógico. Preferimos, por isso, deixar que o tempo continue e que durante a sua passagem, possamos experienciar a continuidade da nossa experiência, na qual as memórias do presente se possam sempre ligar ao passado e ao futuro. De qualquer forma, queremos deixar brotar algo que neste momento gostaríamos de enfatizar sobre a nossa aprendizagem.

Em primeiro lugar, julgamos que os nossos propósitos foram cumpridos: apresentamos uma nova proposta de educação de professores e os seus fundamentos, delimitando um envolvimento epistemológico diferencial entre a abordagem que propomos e outras abordagens.

Apresentamos um programa de educação narrativa para professores e procuramos avaliá-lo através de três estudos empíricos. Talvez um dos grandes méritos deste trabalho esteja mesmo no facto de mostrar claramente a inviabilidade, a impertinência da procura de leis gerais no desenvolvimento narrativo, nas variáveis que estudamos - o processo e a estrutura.

Embora tenhamos encontrado uma fortíssima relação entre o desenvolvimento narrativo e a auto-complexidade, o que já não é pouco, não somos capazes de atribuir uma razão plausível para a falta de resultados nos processos e na estrutura narrativa a não ser apelarmos à hipótese de o desenvolvimento narrativo não ser expresso pelos diferentes modos narrativos e pela estrutura das narrativas. Por outro lado, a ausência de resultados não significa necessariamente que não houve desenvolvimento. Quando falamos de desenvolvimento narrativo queremos significar - e julgamos ser esse o seu maior interesse e contributo ao estudo do desenvolvimento humano - o *desenvolvimento do discurso*, a transformação do discurso pela instrumentalização particular que cada um está capaz de fazer da linguagem, quando a utiliza para historiar a sua experiência e o seu conhecimento. Deste modo, queremos aproximar a narrativa mais da ideia de *discurso* do que da ideia de linguagem.

Após conhecermos estes dados empíricos, fará sentido realizarmos estudos de natureza qualitativa que acompanhem de perto as performances do discurso dos indivíduo a vários níveis.

Em segundo lugar, julgamos que este trabalho pode apresentar relevância para a comunidade de educadores dos professores. Especialmente talvez, aqueles que utilizam

abordagens reflexivas.

Uma das diferenças que gostaríamos de realçar entre as práticas narrativas e as reflexivas é que estas últimas, começam quando os professores ou os indivíduos enfrentem uma situação problemática, invulgar, desafiadora, tal como o formulou Dewey (1971). Ao invés, numa prática narrativa procura-se introduzir o alargamento das formas como o indivíduo conhece no seu dia a dia, independentemente de as situações serem ou não problemáticas.

Embora não tenhamos experiência de participação em programas intencionalmente reflexivos, a nossa experiência de estar com professores sempre nos diz que algo que tenha como objectivo a reflexão, o bom argumento, para explicar determinada prática, poderá gerar uma atmosfera de competição ou de ilegitimidade de certo conhecimento. Ora, se o objectivo de um programa de educação de professores não for o de compreender ou explicar mas, antes partilhar experiência e significados, todas as descrições serão legítimas.

Quando falamos de prático narrativo queremos significar, como dissemos, a capacidade dos indivíduos, dos profissionais, em historiarem a sua prática e experiência. E esta nossa intenção apela para olharmos a narrativa como uma *forma vantajosa de pensamento* que, não contém apenas as idiossincrasias individuais, mas, antes, como nos diz Bruner

(1996), contém "universais" que são "essenciais para a vida numa cultura" (Bruner, 1996, p.131). Estes universais são propriedades do discurso construído pelos indivíduos e constituem-se, por isso, como uma estrutura permanente do discurso. Vejamos agora, de seguida, então, as vantagens de apelarmos à educação de práticos narrativos a partir dos "universais" que Bruner identifica nas "realidades narrativas".

- a) Para Bruner, numa narrativa há uma *estrutura de tempo comprometida* (p. 133). Este "universal" prende-se com o facto de o tempo numa narrativa não ser o tempo do relógio, o tempo objectivo, mas uma configuração relativa ao desdobramento dos acontecimentos importantes, com o seu início, o seu decurso e o seu final. O que conta numa narrativa, em termos do tempo, é o pulsar particular dos acontecimentos significativos, seja para os protagonistas, seja para o narrador quando constrói o seu discurso. A palavra comprometida que adjectiva a estrutura de tempo, tem a ver com a forma particular como os significados podem ser construídos, como se cada indivíduo efectuasse realmente um certo compromisso com o tempo a partir dos significados, das valorizações com que olha e pratica a sua vida.
- b) Uma narrativa apresenta sempre, ou apresenta-se sempre, como uma *"Particularidade Genérica"* (p.133). Quer isto dizer, em primeiro lugar, que uma narrativa se debruça sobre detalhes e dados pessoais.

Contudo estes detalhes e estes dados pessoais caem sempre numa forma ou noutra de realização narrativa. Dito de outro modo, caem sempre num certo tipo de narrativa que pode ser classificada num certo género. Não há qualquer linguagem natural que tenha sido estudada sem o recurso a géneros. Os géneros narrativos são universais; pode haver narrativas irónicas, dramáticas, autobiográficas, de comédia, romances, etc, para além, ainda, de certos dialectos próprios da cultura de grupos minoritários.

- c) Outro atributo "universal" de uma narrativa é o de que ela contém os propósitos dos seus actores, as escolhas que intencionalmente fizeram, de entre várias que poderiam ter feito. Com uma narrativa fica claro que as "acções têm razões", que estão associadas a crenças, a desejos, a valores. Por outro lado, o facto de as acções terem intencionalidade não significa que sejam a causa de certos resultados. As razões, como nos diz Bruner, não são causas, pois entende-se que os indivíduos têm sempre escolhas que se situam numa matriz de certos propósitos, de certos valores, de certas crenças, etc.
- d) A construção de uma narrativa, bem como a leitura de uma narrativa, é uma "composição hermenêutica". Significa isto que, uma narrativa não é tanto julgada viável de acordo com a sua correspondência a uma qualquer realidade, mas, antes, relativamente à sua plausibilidade face a outras composições narrativas

alternativas. O que importa numa narrativa é a coerência ou plausibilidade com que os detalhes se arranjam e se organizam. E, este arranjo, esta organização é sempre uma construção única de entre várias possíveis.

- e) As narrativas apresentam um "*canonicidade implícita*". Significa isto que, uma história se desenrola especialmente a partir do desvio de algo que parece mais legítimo, mais normal, mais convencional. E, é esse desvio que permite criar significado e sentido à história que se relata. Contudo, aquilo de que se desviam é, frequentemente, tão normal como aquilo que parecem violar. Sendo assim, uma narrativa "procura segurar a sua audiência tornando o habitual novamente estranho".
- f) As narrativas possuem "ambiguidade de referência". Este atributo tem a ver com o facto de que é difícil estarmos todos de acordo acerca daquilo sobre o que a narrativa se debruça. Isto porque, cada narrativa possui a sua própria referência. Contudo, a referência pode ser vista pelos dados mais factuais ou pelos sentidos acerca dos quais os indivíduos constróem as suas referências principais.
- g) De acordo com Bruner, a narrativa possui no seu centro um problema. O problema é algo de central numa narrativa. Ele reside genericamente em normas que são esperadas e não acontecem, não são

cumpridas. Quando não há um problema no centro de uma narrativa parece não valer a pena construí-la e contá-la. Este traço é muito importante pois associa a narrativa de alguma maneira à própria investigação e descrição de problemáticas humanas. Com a diferença que as aborda de forma historiada e tendo em consideração a experiência holística de quem vive essa experiência.

- h) As narrativas ou histórias possuem uma *"inerente negociabilidade"*(ib. p.143). Significa isto que a audição de uma história provoca ou pode provocar um certo grau de crença e um certo grau de descrença. Cada indivíduo conta a sua história e cada um deles está menos preocupado em arranjar provas para a sua história do que em mostrar que a sua perspectiva lhe parece mais plausível. É a isto que se chama a negociabilidade das histórias, traço que lhe é inerente. Convém ainda clarificar que a negociação de uma história só é possível na medida em que desperte algum grau de crença.
- i) Um narrativa apresenta, finalmente, *"extensibilidade histórica"*. Com este atributo "universal" da narrativa Bruner chama-nos a atenção para que a nossa mesmidade só se torna possível quando estabelecemos continuidade entre as histórias que vivemos, pois a vida não é apenas uma sequência de narrativas ou de crónicas. Torna-se fundamental compreender que as narrativas fazem parte de uma

história cujas forças às vezes desconhecidas influenciam o curso de vida individual ou, pelo menos, o sentido dado à experiência individual. Por outras palavras, a coerência e continuidade que temos de fazer de diferentes narrativas, obriga a transformar em história o passado, as narrativas. Sendo assim, a compreensão das narrativas pode ser problemática na medida em que está de alguma maneira comprometida com a história que já foi ou será traçada das narrativas ou eventos passados. Por isso uma narrativa e a sua compreensão está para além do tempo de uma vida individual.

Estes nove atributos universais da narrativa mostram-nos a complexidade (mas também a necessidade de saber) o quanto está em jogo na construção narrativa da realidade, o quão complexo é tentarmos ficar dentro do conhecimento fornecido pelas histórias (cf. deMarrais,1998). Bruner (1996) finaliza a apresentação destes universais chamando-nos a atenção para o contraste entre o modo paradigmático de conhecimento e o modo narrativo de conhecimento. E propõe que voltemos a nossa consciência para “aquilo que a construção narrativa impõe sobre o mundo da realidade que ela cria”, visto que embora invistamos uma grande quantidade de tempo a ensinar os métodos da ciência, “vivemos a maior parte das nossas vidas num mundo construído de acordo com as regras e

instrumentos da narrativa” (ib, p.149).

Queremos finalizar, falando de Mark Freeman (1997) que ao expor uma revisão curricular de uma graduação em psicologia na sua faculdade, propõe-nos uma heurística divisão entre ciências naturais, ciências sociais e ciências humanas. É nestas últimas que ele integra a narrativa, afirmando o pouco valor que é dado pela psicologia à vida das pessoas nas perspectivas e preocupações da psicologia enquanto ciência natural e enquanto ciência social.

Em suma, foi porque nos orientamos sempre por este objectivo - o de fazer diferença nas vidas de professores – que realizamos este trabalho, vendo na psicologia sobretudo uma ciência humana.